Organização: **Eliana Yunes**

Pensar a Leitura:

Complexidade



EDITORA PUC RIO

Edições Loyola

Digitalizado com CamScanner

PUC
RIO

Reitor
Pe. Josafá Carlos de Siqueira SJ

Vice-Reitor
Pe. Francisco Ivern Simó SJ

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos
Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos
Prof. Luiz Carlos Scarvarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários
Prof. Augusto Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento
Prof. Sergio Bruni

Decanos
Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade (CTCH)
Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)
Prof. Luiz Alencar Reis da Silva Mello(CTC)
Prof. Hilton Augusto Koch (CCBM)

Digitalizado com CamScanner

Pensar a leitura: complexidade / organização: Eliana Yunes. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

178 p. ; 21 cm
Inclui bibliografia.

1. Leitura. 2. Interesses na leitura. I. Yunes, Eliana. II. Série.

CDD: 418.4

Conselho Editorial PUC-Rio: Augusto Sampaio,
Cesar Romero Jacob,
Fernando Sá,
Hilton Augusto Koch,
José Ricardo Bergmann,
Luiz Alencar Reis da Silva Mello,
Luiz Roberto Cunha,
Miguel Pereira,
Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Projeto gráfico de capa e miolo: Flavia da Matta Design

Editora PUC-Rio
Rua Marquês de S. Vicente, 225
Projeto Comunicar, Casa Editora – Gávea
22453-900 Rio de Janeiro, RJ
T/F 55 21 3527 1760
T/F 55 21 3527 1838
edpucrio@puc-rio.br
www.puc-rio.br/editorapucrio

Edições Loyola Jesuítas
Rua 1822, 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500
F 55 11 2063 4275
editorial@loyola.com.br
vendas@loyola.com.br
www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita das Editoras.

ISBN: 978-85-15-02489-6
©EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2002.
©EDITORA PUC-RIO, Rio de Janeiro, Brasil, 2002.

3ª edição: novembro de 2014

Digitalizado com CamScanner

SUMÁRIO

O Prefácio 9

Introdução 13
Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo

Dados para uma história da leitura e da escrita 52
Eliana Yunes

Oralidade, afeto e cidadania 60
Francisco Gregório Filho

Leitura e linguagens 64
Flávio Martins Carneiro

Pelas veredas da memória: revisitando lúdicamente velhas palavras 69
Miriam Sutter

A formação de repertório de leituras 76
Vera Lúcia Roca de Souza Lima

A narrativa em Câmara Cascudo: interdisciplinaridade *avant la lettre* 79
Eliana Yunes

O jogo das intertextualidades ou te-ato, teatro, te-outros 87
Marta Morais da Costa

Elementos para uma história da interpretação 97
Eliana Yunes

Recepção e interação na leitura 104
Maria Helena Martins

Leitura e condição do leitor 107
Bethania Sampaio Corrêa Mariani

O sujeito observador 110
Júlio Diniz

Função do leitor: a construção da singularidade 114
Eliana Yunes

De livros e bibliotecas como memória do mundo: 120
dinamização de acervos
Nanci Gonçalves da Nóbrega

Digitalizado com CamScanner

Práticas leitoras (de cor... coração):
algumas vivências de um contador de histórias 136
Francisco Gregório Filho

Leitura e multimídia 152
Sérgio Rivero

Literatura: leitura de mundo, criação de palavra 158
Bartolomeu Campos Queirós

Entre a palavra e a ação: o leitor e a ética 164
Eliana Yunes

Apêndice 169
Dos degraus da Torre: a visão da leitura passo a passo

Sobre os autores 181

Digitalizado com CamScanner

Oralidade, afeto e cidadania

Francisco Gregório Filho

Meu avô se esforçava para manter a coluna aprumada na cadeira. Ele tinha horror a dor de coluna e dizia que as pessoas que não cuidam da postura física e que tratam o corpo apenas como uma mala pesada, que é preciso carregar ao longo da vida, sofrem dores de coluna. Vovô era magro, alto, careca, usava chapéu e tratava muito bem do corpo. Fazia grandes caminhadas e sempre se sentava de forma ereta, com a espinha dorsal no eixo. Gostava de contar histórias para os netos. Jurava que quem não cuidasse da postura do corpo sentiria muitas dores na coluna e que, quando morresse, viraria alma penada. Como a ossada doeria muito, essas almas sofreriam muito e vagariam, em agonia, assustando os vivos.

Almas penadas eram as de pessoas que haviam sido gananciosas, trapaceiras, que só haviam pensado em acumular riqueza material com muitas trapaças, enganando os outros, movidas por muita ambição. Essas almas não têm sossego e, à noite, saem dos cemitérios e fazem suas aparições, pedindo clemência e gemendo. Com dores na coluna, afirmava vovô.

Antigamente, os homens gastavam muito tempo observando os animais. Com essas observações, foram encontrando entre os animais comportamentos parecidos com os seus, foram criando histórias para dizer dessas semelhanças. Por exemplo, as histórias com o personagem raposa. A raposa aparece nas histórias sempre esperta, querendo levar vantagem em tudo, sempre à espreita para aproveitar o descuido do outro, para atacar e trapacear. Por isso, adjetivamos algumas pessoas de raposa velha, matreira, sagaz, astuta, enrolona e aproveitadora.

Essas histórias com personagens de animais com comportamento parecido com os da natureza humana foram as primeiras histórias criadas pelos homens; algumas chamamos de fábulas. Vovô contava algumas fábulas com raposas, macacos, cobras, lebres, etc.

Como o homem sempre se perguntou quem sou eu?, de onde vim?, para onde vou?, os mitos proliferam, originados no questionamento dos povos sobre si mesmos e o mundo, no fascínio pelos mistérios da vida. E fatos misteriosos, que alguém viu contados, viraram lendas. Na permanente tentativa de explicar o mundo, o homem foi inventando histórias fantásticas, religiosas, de assombração, epopeias, aventuras... Vovó costumava interrompê-lo para servir canecas com refresco geladinho de carambola. Uma pausa oportuna e deliciosa.

Vovô retomava, perguntando sobre as histórias que ouvíamos vovó ou ele contar e ler; de que tratavam? E íamos respondendo: dos terrores do mundo; dos elementos da natureza; dos deuses; dos mistérios da alma humana; do tempo; das superações; das dores dos homens; das guerras; da geografia da terra; das tentações; dos demônios; da beleza do universo; dos amores; das separações e dos sentimentos humanos: inveja, ciúme, bondade, maldade, generosidade, crueldade, ganância; paixões e ódios, medos, coragem, intrigas, desejos, sonhos, fracassos, vitórias, liberdade, opressão, humilhação, traições e covardias, abandono, poesia, morte e nascimento.

E assim ficávamos horas e horas, com vovô sentado na cadeira de balanço. Era o tempo sem pressa de reunião com os netos, tempo de histórias, quando vovô tentava explicar a complexidade da natureza humana, suas diabruras e virtudes.

Vovô fazia-nos descobrir que o maior bem da humanidade são as histórias; a herança mais valiosa de nossos antepassados é o acervo de histórias que ficam na memória e nos fazem refletir sobre o presente para nos aprimorarmos no futuro. Todas as sabedorias, as experiências, as vivências bem-sucedidas e as fracassadas estão nas narrativas que os homens e as mulheres recolheram, guardaram, partilharam.

Tudo é história, tudo vira história. Depois, é só contá-las. Confidenciá-las. Socializá-las.

A maioria dessas histórias está nos livros; pena que só poucos os leiam; pena, também, que os que os leem não contem o que leram, não repassem, não repartam.

A oralidade, a escrita e as imagens são linguagens que convivem, mantendo suas importâncias específicas. Uma não desmerece a outra; complementa-a. Na vida, mesmo no mundo contemporâneo, cada linguagem tem sua parcela de contribuição para a interação dos homens, qualificando as relações.

Digitalizado com CamScanner

O olho precisa encontrar o olho do outro. Olho no olho. O olhar estabelecendo a confiabilidade do diálogo. O olhar do outro é o alimento solidário para eu me pôr de frente, encontrando a respiração do outro. Necessito do olhar, do olho do outro no meu olho.

Pouso suave, convidativo, deposito meu olhar no olhar do outro, sem pressa de retirá-lo. O olhar ajuda a dizer e, principalmente, ajuda a ouvir. Os olhos ajùdam a buscar o significado nos guardados do coração; apoiam a escolha, recolhem a preferência, extraem o sufocado, dissolvem o velado, desentopem o ajustado, desarrumam para enxergar e ordenar o belo e o distraído. Olhar no olho do outro é sublimar o narrado, é destampar o vivido, é tornar possível, é possibilitar o percurso e os atalhos, é estender o plausível a extremos tensionadores de descobertas, é romper o conformado, é desejar o não experimentado, é chorar de ver.

Gosto de narrar com os olhos percorrendo as dúvidas do olhar do outro. Vou narrando, dando voz às palavras para olhos que desvendam, numa cumplicidade que pede, que oferece, que flexibiliza a certeza. Dizer-me e saber-se do outro na simultaneidade da revelação de um conflito, de um afeto, de um desfecho. O olhar é o convite para o ver juntos, ajustados, sintonizados, sincronizados. Olhar o olhar é perceber a diferença, é desconfiar para processar e discernir o que guardar. É necessário sentir o vácuo do olhar, a pausa, o silêncio e a explosão.

A voz com o olhar, partilhando horizontes em dores escuras, sombras de desencontros, desilusões profundas e achados iluminados. Olhando o olhar do outro, ouvindo o que vou desvelando, em territórios de pisos poéticos, olho-me como um semelhante singular no alumbramento do belo, na indignação do injusto, na aproximação das paixões. Só posso contar uma história encontrando o olhar do outro; para minha voz poder repercutir; tomar dimensão.

Vovô tinha prazer em declamar poesias, versejando, como ele gostava de dizer; versejar. Ouvi-o falar diversas vezes que gostaria de ter sido poeta. Ter escrito poesias e publicado. Eu sabia que vovô escrevia poemas e guardava, ou melhor, escondia. Nunca nos mostrou seus escritos. Também nunca publicou nada. Talvez, um dia, meu avô tenha sonhado publicar seus poemas. Mas não o fez; não lhe surgiu "oportunidade", disse certa vez. Numa de nossas conversas, numa tarde, quando apreciávamos o pôr do sol, puxei esse assunto, mas vovô não se animou muito com minha sugestão de buscar uma "oportunidade" para que seus versos

fossem publicados: "Ah, meu neto, meu tempo passou, agora é sua vez." Olhou, penetrante, nos meus olhos e disse: "Esteja ciente de que você tem que falar para ser ouvido, mas tem que se calar para ser apreciado."

Ainda não descobri de onde meu avô tirara essa fala, mas lembro até hoje do tom de sua voz pronunciando essas palavras; pressentia que era algo profundo, mas não alcançava o significado desse texto para ele e nem para mim.

Sugestões de leitura:

ESTANTE

Numa das estantes da biblioteca dos meus avós, encontrei nas prateleiras mais baixas, livros cujas histórias eram as mais frequentes nos repertórios do grupo Lendo e Contando. Lendo-os encontrei histórias narradas da mesma maneira de quando as ouvi de meus avós. Eram livros que registravam as histórias contadas em vários locais, como praças, feiras, coretos e mercados e em versões diferenciadas. Escritos por folcloristas, educadores e pesquisadores da cultura popular, esses livros reúnem as muitas histórias coletadas pelo Brasil afora e podem ser encontrados em bibliotecas e livrarias das principais cidades brasileiras.

Digitalizado com CamScanner

Práticas leitoras (de cor... coração): algumas vivências de um contador de histórias

Francisco Gregório Filho

O embalo que acalenta o filho
é o carinho que adormecerá o neto
A celebração que convoca o pai
é a cerimônia que atrairá o filho

(sabedoria portuguesa)

Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos. Não somos passivos às experiências e, a cada uma aprendida, incorporamos informações, transformações, transformamos, acrescentamos parte de nossa própria experiência e vamos construindo nosso jeito de olhar a nós mesmos e ao mundo.

As muitas histórias ouvidas na infância vão-se construindo em pequenos acervos que, interagindo com nossas vivências, vão contribuindo significativamente para o exercício da crítica acerca das coisas que presenciamos, permitindo apurar nosso papel de cidadão. Não se trata de entender "a moral da história", mas de perceber que a leitura e o ouvir histórias podem ser fortes componentes para formar o sentido da responsabilidade social de cada um de nós.

Mesmo antes da escrita, o homem lia. Lia o mundo com seu olhar, com experiências sensoriais e, utilizando-se da linguagem oral e das imagens, trocava ideias, refletindo sobre tudo o que o cercava. E, mesmo com a escrita, continua utilizando-se da palavra e das imagens para fazer suas observações e, principalmente, argumentar.

Não só falando ou contando histórias, mas ouvindo o outro contar também outras histórias, ouvindo a voz do outro, o homem partilha suas impressões sobre a vida e discute as questões que ocorrem à sua volta.

Vamo-nos tornando cidadãos na medida em que, conhecendo a realidade que nos cerca, por meio da troca de notícias e de argumentos, adquirimos não só a sensibilidade necessária para perceber nossos acertos, nossos erros, os erros do outro, mas principalmente a capacidade de intervir e transformar esta realidade.

Nomear

Francisco. Escolha de minha avó. Meu pai nasceu Francisco, nome frequente na família. Tio-avô, tios, primos, compadres e afilhados. Admiração da família por São Francisco de Assis. Nenhum dos Franciscos da família nasceu em 4 de outubro. Nenhum. Nascesse em qualquer data: Francisco. Também os que ainda vão nascer: netos, bisnetos... Franciscos. Espera-se. Gregório é sobrenome familiar. Ascendência holandesa. Espalhados, a partir de Recife, pelas cidades do Nordeste, os holandeses chegaram ao Vale do Açu, Rio Grande do Norte, e por lá constituíram famílias em parcerias com os "nativos" (caboclos, índios, negros).

Francisco Gregório, meu pai. Minha avó, muito atenta e participativa, observou que em sua cidade muitos dos principais cidadãos assinavam seus nomes em suas casas comerciais: Açougue Preço Bom de Sebastião da Silva; Farmácia Saudade de Jacintho da Silva; Armazém Tem Tudo de Josué da Silva; Consultório Médico do Dr. Manoel da Silva; Escritório do Advogado Tenório da Silva, etc. Muitos eram os compadres e as comadres da Silva. Pois bem, decidido pela minha avó: Francisco Gregório da Silva, inaugurando na família o sobrenome comunitário: Silva.

Francisco Gregório da Silva Filho, disse minha mãe quando eu nasci. Meu pai ainda argumentou: é muita herança! Minha mãe teimou: uma homenagem de seu amor por meu pai. Essa é a história de meu nome. História que me anunciou. História pela qual nasci sujeito, sujeito a essa história do meu nome. Minha mãe celebrava seu amor por meu pai dando-me seu nome. Acrescentando o Filho.

Eu, primeiro Filho. Cabe a mim construir uma história como sujeito em Francisco. Diariamente me construo sujeito da história desse Francisco de nome, desse Gregório de referência familiar, do da Silva do repertório comunitário e do Filho dos acervos pessoais de meu pai e de minha mãe.

Francisco Gregório da Silva Neto é o nome de meu filho.

Digitalizado com CamScanner

Há poucos anos, lendo o *Indez*, do escritor mineiro Bartolomeu Campos Queiros, me dei conta desse tempo. Nas oficinas de contadores de histórias peço que as pessoas contem as histórias de seus nomes. Posso afirmar que é um dos momentos mais ricos dessas oficinas, com algumas pessoas indo buscar na memória as histórias de seus nomes e tantas outras, iniciando um movimento de investigação com seus familiares e amigos sobre as histórias de seus nomes. Uma reflexão sobre as relações dos personagens a que essas histórias estão submetidas, e vinculadas; ficcionadas. São depoimentos emocionados de muitas referências afetivas, e algumas de muita dramaticidade. Diversas questões são formuladas; entre elas:

- somos apresentados quase sempre nos anunciando pelo nome;
- nossos registros, certidão de nascimento, carteira de identidade, confirmando nossos nomes;
- herdamos histórias a que estamos sujeitos e construímos outras, em que somos sujeitos ativos, e de tantas apenas participamos como sujeitos passivos;
- que sujeitos construímos e com que repertório para nosso nome?
- a que acervo recorremos quando pronunciamos nosso nome?
- quais as presenças afetivas e quais as ausências nas referências às histórias de nosso nome?

Recolher

Meus avós maternos e paternos, minhas tias e meus tios, minha madrinha e meu padrinho (amigos de meus pais) e a babá Maria, e ainda meu pai e minha mãe somavam à época em que nasci 466 anos de idade – 466 anos de sabedorias.

Todos em torno de mim em meus primeiros dias de vida fora da barriga de minha mãe. Nasci, portanto, com 466 anos de sabedorias. Experiências que me eram transmitidas de forma sensorial. Nos cheiros que recebia de cada um; nos sons dos beijos estalados; nos abraços, nos toques, nos amassos e beliscões; nas melodias e nos tons das diferentes vozes; da luz e das sombras que me chegavam com cada um; nas doces e salgadas peles que roçavam minha boca; no forte paladar azedo-travoso-adocicado dos seios de minha mãe. Nos ambientes de calor e nas ambiências afetivas tomava conhecimento do mundo – no berço, na rede e nos braços dessas pessoas que me traziam notícias, por meios

dos muitos repertórios de saberes, acumulados nos olhares, nos fazeres e nos pensares dos 466 anos e já alguns dias.

Dorme neném
Que eu tenho o que fazer
Vou lavar, vou engomar
Camisinhas pra você!

Essa era uma das cantigas mais cantadas por minha mãe, minha avó e, principalmente, por Maria para ninar meus sonos e sonhos. Maria dizia dorme... dorme neném.

Neném, meu primeiro apelido. Até hoje chamado por toda a família. Neném de casa, de família, de querido e de carinho. Neném de graças, de gracinhas. Um codinome, auxiliar do nome. Para ser chamado. As canções de ninar, cantadas com muito afeto, traziam notícias do mundo. Enquanto eu dormia, as pessoas em minha volta tinham compromissos, trabalhavam para o meu conforto.

Eu começava a entender o mundo, o jogo da vida. A sobrevivência. Eu já tinha, aliás, algumas notícias quando ainda dentro da barriga de minha mãe; ela cantava essas cantigas e contava algumas histórias acariciando o barrigão.

Eu ouvia, atento, acompanhando as emoções, as reações e o ritmo do corpo de mamãe. Heliete, às vezes, molhava a barriga com lágrimas caídas em gotas, e eu respondia esperneando. Muitas vezes sentia o calor da pele áspera das mãos de meu pai passeando lentamente sobre os pontos de meus pulos naquela barriga grávida; e suspirava.

Minha avó cantava. Maria cantava. Minha mãe cantava. Três mulheres de repertório extenso de modinhas, canções, xácaras, romances, cirandas, lundus, valsinhas, guarânias e brincadeiras de rodas à disposição das crianças. Dormíamos, sonhávamos e acordávamos ouvindo as vozes dessas caboclas do Vale do Açu e do Acre amazônico. Cinco vozes. Minhas tias Edith e Eneida também cantavam. Mais tarde, também ouvi meu avô e meu pai cantando e assobiando. Que músicas canto hoje? Estou cantando para mim? E para os outros? Qual o meu cantar?

Há alguns anos consegui uns discos com as músicas infantis recolhidas por Heitor Villa-Lobos e reencontrei ali as ambiências de minha infância. Importante trabalho desse compositor e maestro que registrou muitas

Digitalizado com CamScanner

das cantigas anônimas que ninam e fazem as crianças desfrutar de momentos ricos de aprendizagem, brincando e cantando. Nessas oficinas de contadores de histórias, peço sempre que as pessoas busquem em suas memórias essas ambiências de infância onde se aprende brincando. Levantamos quase sempre um repertório diversificado, muitas vezes escondido e sufocado. É contagiante, e ficamos todos emocionados com esses reencontros.

Os depoimentos são comoventes e reveladores da pluralidade cultural. As diferenças no grupo vão aparecendo, e há um profundo respeito pelas histórias dos outros. Também são sinalizadas as presenças e as ausências em cada um de nós e o endurecimento a que a escola, o trabalho, a vida social vão nos alimentos nos formam.

Contam também de nossas histórias.

Verter

Todos em casa às 18 horas. Minha mãe pedia que todos estivessem em casa às seis horas da tarde. Ligava o rádio, sintonizado na Rádio Difusora Acreana, para ouvirmos a Ave Maria. Era o momento de introspecção. Todos nós tínhamos que pensar sobre o dia e agradecer a Santa Maria. Todas as janelas da casa eram abertas e, depois de um tempo, fechadas. Onde estivéssemos, se não podíamos ir para casa às seis horas da tarde, parávamos por alguns instantes e pensávamos em todos de casa, no dia de estudos, nas brincadeiras, nos trabalhos e agradecíamos à Virgem Maria por mais um dia. Quando em casa, minha mãe distribuía a cada um uma colher de lambedor. Xarope preparado com mel, canela e muitas ervas. Era fortificante o lambedor. Ficava matutando sobre o tal lambedor horas a fio. Lambe a dor.

Minha mãe gostava de reunir os filhos e os sobrinhos para brincar com as palavras. A cada hora inventava uma brincadeira. Dizia que era para pronunciarmos as palavras com significados de vida e de mundo.

Minha mãe distribuía limão para nós. Um limão para cada um. Vamos rolar o limão em nossas mãos, mandava ela: observem a pele do limão, sintam a textura, passeiem com os dedos em volta do limão; pousem a vista sobre o limão, olhem os verdes, os amarelos, vejam as cores, o formato, as formas, a pontinha aguda; agora, cocem o limão com as unhas, façam cafuné no limão e cheirem, que perfume! que aroma! que cheiro! Cortava nossos limões e os espremia em nossas línguas.

Chamava a atenção para as nossas bocas cheias d'água e dizia que tínhamos virado fontes, vertentes, brotávamos água pela boca. É o paladar, dizia minha mãe adoçando a limonada, que tomávamos pronunciando a palavra "limão". E cantávamos juntos várias cantigas de limão:

Meu limão, meu limoeiro
meu pé de jacarandá
uma vez skindôlê-lê
outra vez skindô-lá-lá.

Criávamos quadrinhas de versos sobre o limão para dizer entre as cantorias.

Ó limão
Ó limão, que entra na roda
Roda de mão em mão, ó limão

Ele foi, ele veio
Ele aqui não chegou
Lá no meio do caminho
A princesa tomou

Por que choras, Mané?
Não chora não
Chora porque não veio o limão

Ele foi, ele veio
Ele aqui não chegou
Lá no meio do caminho
A princesa tomou
Ah!

Tempos depois, lendo Paulo Freire, compreendi um pouco aquelas brincadeiras de minha mãe. Especialmente quando li a *Pedagogia do oprimido*, em que Paulo Freire diz que a palavra precisa estar grávida de mundo.

Minha mãe brincava de engravidar as palavras de sentidos, de significados de mundo. Durante as oficinas, sugiro brincadeiras com as

Digitalizado com CamScanner

palavras, cada um traz uma ideia. E eu, é claro, brinco, distribuindo limões para todos, e, como minha mãe fazia, vamos descobrindo o limão sensorialmente e formando repertório de limão com remédios, chás, cremes, caipirinhas, limonadas, pavês, suflês, bolos, tortas, licores, doces, histórias de queimaduras, simpatias, limoeiros, espinhos, azedos e vertemos água, muita água, uma fonte, um chafariz. E muitos, ainda hoje, gostam de ouvir a música da Ave Maria. As várias Ave-Marias. E trabalhamos, brincamos com a *Gestalt* das palavras. Outro dia, durante uma oficina na Bahia, trouxeram-me um *lambedor*. Bom pra danar.

Celebrar

Meu avô Pedro era solene. Celebrava as histórias. Magro, alto, careca, punha o paletó, uma gravata borboleta, o chapéu, sentava na cadeira de embalo que ficava na varanda de nossa casa, e corríamos para ouvi-lo contar histórias. Eu, meus irmãos, meus primos, as crianças vizinhas e os adultos também.

Vô, conta aquela! E o vô contava. Ele sabia as histórias prediletas de cada neto. Vô, conta de novo! Ele contava, solene! Meu avô dizia que contava as histórias fundamentais. Entre uma história fundamental e outra ele narrava uma experiência sua em pescarias e viagens. Vô contava sempre como tinha fisgado o coração de minha avó.

– Eu olhei, ela olhou, eu pisquei e segurei firme o olhar, ela também firmou o olhar, aí eu fui na certa – dizia ele, todo gabola.

Contando suas experiências, meu avô gostava de repetir: aí eu andei... andei... andei. Eu ficava pensando: meu avô andou muito; e desejava: eu também quero andar muito!

Pois bem, eu tinha a minha história predileta, a preferida, não sabia explicar por quê; nem precisava. Eu pedia, meu avô contava. Firmava na cadeira de balanço, todo aprumado:

> Era uma vez, há muito tempo atrás, numa aldeia muito distante... Varria sua casa dona Baratinha, quando achou uma moeda de ouro, muito valiosa, um tesouro. Dona Baratinha segurou com as mãos aquela moeda que valia fortuna, olhou... olhou... pensou... pensou... e perguntou: o que quero? de que preciso? o que desejo? Amarrou uma fita no cabelo, foi para a janela e cantou: Quem quer casar com a senhora Baratinha, que tem fita no cabelo e tem dinheiro na caixinha? Apareceu... ele, o primeiro pretendente, garboso, forte, elegante, olhos bem abertos, amendoados, uma crina penteada, hum... um charme.
>
> Dona Baratinha, quando viu aquele cavalo lindo, ficou logo encantada, mas... perguntou: seu cavalo, como faz ao amanhecer? O cavalo, charmoso, empinou a cabeça e relinchou... Dona Baratinha ficou ainda mais encantada, mas disse: Lindo, muito lindo, lindo mesmo, mas eu não quero não. E continuou na janela a cantar: Quem quer casar...
>
> Apareceu... o segundo pretendente, pisando manso, todo malhado, com uma enorme estrela branca na testa, gordo, olhar triste, bonito aquele boi... Dona Baratinha ficou entusiasmada, mas perguntou: seu boi... como faz ao amanhecer? O boi Belo, mansamente, deu um mugido longo... Bonito, muito bonito, bonito mesmo... mas eu não quero não! Continuou na janela a cantar. Quem quer casar...
>
> Aí, então, veio ele... ligeirinho, com bigodes nervosinhos. Dona Baratinha ficou enamorada daquele ratinho. Mas perguntou: seu ratinho, como faz ao amanhecer? O ratinho, ligeirinho, ... Dona Baratinha, que já estava enamorada, ficou deveras apaixonada. Que ratinho gostoso! Ali mesmo marcaram o casamento. O casório, anunciava o convite bordado a ouro, de Dom Ratão e Dona Baratinha, acontecerá na igreja com a presença do padre, do pastor, do rabino, do buda, do benzedor e de tantos outros oficiais casamenteiros. Terá ainda três músicos contratados: o sanfoneiro, o organista e o violeiro.
>
> Todos os amigos e compadres foram convidados. Dona Baratinha encomendou um bolo azul com a lua cheia luminosa e todas as estrelas do céu brilhando. O vestido de noiva de rainha, com as cores das faíscas do sol. Em cima, as cores das faíscas do sol nascente, amarelo-claro e de muita luz. Na saia rodada, as cores do sol poente, faíscas avermelhadas de luz rajadas. Dom Ratão, de jaquetão seis botões e gravata borboleta colorida.
>
> No dia do casamento, vai dona Baratinha, formosa, para a igreja e fica aguardando junto com os convidados a chegada do noivo. Vai o noivo, belo, de jaquetão, no caminho da igreja quando passa perto da casa de dona Baratinha e sente... sente... o cheiro. Que cheiro bom de toucinho. Dom Ratão sai do caminho e segue para a casa da noiva, atraído pelo danado do cheiro. E vai. E entra. E chega na cozinha e... vê um panelão de barro fervendo uma feijoada. Os caroços de feijão pulavam como milho em panela de pipoca.
>
> O caldo borbulhava como as espumas brancas das ondas do mar que quebram nas areias das praias. O toucinho cheiroso dançava bolero, passeando no

Digitalizado com CamScanner

caldeirão. Dom Ratão se aproximou, chegou perto, pertinho... e... tibum! caiu na panela de feijão.

Na igreja, todos esperavam. Até que alguém sugeriu: por que não vamos primeiro à comilança e depois à cerimônia? Aprovado por unanimidade. Foram para a casa de dona Baratinha e viram: Dom Ratão cozidinho e encolhido, formando um coração no meio da panela. A gravata borboleta colorida, derretida, desenhava um arco-íris por cima do caldo. Os seis botões do jaquetão boiavam perdidos, como jangadas. Dona Baratinha olhou... sentiu um aperto no coração, uma dor no peito e chorou... chorou... chorou... Uma semana depois, pôs a fita no cabelo, foi para a janela e cantou:

Quem quer casar
com a senhora Baratinha
que tem fita no cabelo
e dinheiro na caixinha!

Tempos depois, meu avô morreu. Minha mãe e minhas tias prepararam os netos para o velório. Fomos todos. Meu avô no caixão, em cima da mesa. Os netos em volta. Meu avô, solene, sereno, de olhos fechados. Eu olhava meu avô, ali, de olhos trancados, olhava... De repente, senti um aperto no coração, uma dor no peito e chorei... chorei... chorei. Chorando, eu tive um alumbramento, uma descoberta: estava com dor de Baratinha. Tomava ciência, pela primeira vez, da dor da perda. Sim, estava com dor de Baratinha!

Alguns anos mais tarde, me percebi piscando para as meninas. Olhava firme, piscava e firmava o olhar. Se a menina segurava o olhar também, aí eu podia ir na certa. Lembrei da história de meu avô fisgando o coração de minha avó. Lembrei ainda das perguntas de dona Baratinha. O que quero, de que preciso, o que desejo? Descobri que eu não me bastava sozinho. Que precisava do outro. Diariamente ponho a fita no cabelo e canto: quem quer casar...

Com o passar dos tempos, fui vivenciando minhas perdas cotidianas com mais serenidade. As perdas, as derrotas, os fracassos... dolorosamente, mas dando enfrentamento com menor desespero. Trabalhando minhas perdas, comecei a observar melhor meus ganhos, minhas vitórias, minhas conquistas, meu poder, e vi que precisava verificar minhas posturas de

arrogâncias, de prepotências e as soberbas. Confesso que fiquei bastante assustado. Terreno difícil esse. Muitas vezes eu não dou conta. E todos os dias, cedinho do amanhecer, ponho a fita no cabelo e me anuncio para o outro e convido: quem quer casar...

Aprendi a ler as primeiras palavras no livro que meu avô indicou para minha mãe comprar: *Contos da Carochinha*, do professor Alberto Figueredo Pimentel. Primeiro livro infantil publicado no Brasil, em julho de 1894, dizia meu avô. Ele lia... lia... e contava. Contava de cor. De coração. Ele também me dizia que estavam ali algumas das muitas histórias fundamentais.

Durante as oficinas, conto a história de dona Baratinha na versão que meu avô narrava. Os participantes começam a falar de suas histórias preferidas, das ambiências de contação de histórias na infância, dos reflexos dessas histórias em sua formação, na contribuição de cada uma para a constituição da sensibilidade. Da necessidade dessas histórias para o conhecimento do repertório de sentimentos humanos: perda, medo, ciúme, inveja, crueldade, perversidade, amor, ódio, desejo, fraternidade, solidariedade, egoísmo, generosidade, etc.

Como dar enfrentamento a esses "monstros"?

Mesmo refletindo sobre essas histórias, os conflitos dos personagens, as superações, os medos, as ajudas, as determinações, as coragens, o tempo, a ameaça e a afetividade, a indagação permanece.

Dessas experiências, registro que é disparada a preferência pela história de Joãozinho e Maria, nas mais variadas versões. As pessoas comentam a ameaça de abandono; e quem não tem medo de ser abandonado afetiva, social, culturalmente?

Outra experiência muito frequente é a da história da Gata Borralheira. Também em suas muitas e diferentes versões.

A história remete a um repertório diversificado de sentimentos e, principalmente, à premiação da desobediência. Salutar esse desejo do exercício da desobediência. Chapeuzinho Vermelho, A Bela e a Fera, Branca de Neve e os Sete Anões e tantas outras aparecem também com frequência.

Desvelar

Desnaturalizar o olhar sobre as coisas. Espiar bem, olhar com atenção, ver observando. Isso meu pai me dizia montando um álbum de fotografias. Meu pai me levava para a janela e pedia que eu observasse as paisagens, as árvores, os desenhos das casas, os traçados das ruas. Perguntava onde as mãos dos homens interferiram naquela paisagem. Falava meu pai em

Digitalizado com CamScanner

planos: o plano da natureza sem o homem e o outro plano, com a presença do homem. O que ele gostava sublinhava calmamente, ressaltando a beleza dos contornos, os traçados, as cores, a luz, a sombra, o horizonte, as retas, as curvas. Fotografar com os olhos. Ele gostava das fotografias impressas nas revistas, nos jornais, nos livros.

No quintal plantávamos as árvores, distribuindo-as em espaços, intervalos, possibilidades de sombras pela manhã e sombras à tarde, brechas para o olhar encontrar o horizonte.

Plantávamos coqueiros, jaqueiras, laranjeiras, limoeiros, mangueiras, etc. Meu pai gostava também de ouvir rádio. Ouvia umas notícias, repetia essas notícias, mandava que disséssemos as mesmas notícias de outro jeito. Cada um tem um jeito de contar, ele dizia. Lia as notícias das revistas para nós e comentava sempre que elas poderiam ser contadas de outras formas. Outras abordagens, insistia ele.

Aprendi as operações matemáticas com meu pai. Sabia toda a tabuada desde cedo. Meu pai lia Malba Tahan para nós e formulava questões de raciocínio matemático. Eu gostava da matemática daquele jeito. Calcular, investigar, desenhar, fotografar, desnaturalizar o olhar. E dizer esse olhar com gestos, pausas, silêncios, movimentos, ritmo, percepção. Dar notícias do mundo com a voz. O meu olhar singular. A minha voz singular extraída das muitas vozes. Eu, singular. *A arte de contar histórias*, livro de Malba Tahan, e *Contar histórias: uma arte sem idade*, livro de Betty Coelho, são lidos e discutidos pelos interessados nos grupos das oficinas. Exercícios de desnaturalizar o olhar sobre uma imagem, uma notícia, um gesto, a relação do olhar e do espaço: a percepção do enxergar. Produzir palavras por meio das imagens. Produzir imagens por meio das palavras. Olhar desconfiado para as histórias. Perguntar por meio das histórias e das imagens.

Legendar

Seu José. Era o leiteiro. Preto, alto, cabelos grisalhos. Nós o chamávamos de seu Zé Azul. Esse sabia histórias. Entregava o leite e sempre contava uma história. Gostava de usar pausas longas. Ficávamos ansiosos com as pausas do seu Zé Azul, experimentávamos o passar do tempo. Queríamos adivinhar o final das histórias, mas sempre éramos surpreendidos com os finais irreverentes, finais imprevisíveis. Só conto fábulas. Fábulas de gente e de bichos. Resmungava seu Zé Azul, derramando o leite.

Seu Salu. O dia inteiro em sua vendinha. Vendia bananas, fósforos, velas, jacas, sardinhas enlatadas, farinha, balas e mariolas. Também contava histórias o dia todo, que ele chamava de lendas. Como vai seu Salu? Vou legendando a vida, dizia sempre e contava uma das lendas.

Ouvi várias vezes seu Salu legendar as histórias do uirapuru e a da cobra grande. Ficava atento e de boca aberta. Fecha a boca, menino, que entra mosquito! Seu Salu, personagem vivo nas minhas memórias. Lendário.

Seu Pereira. Acho que era sobrenome. Era conhecido assim, como o Pereira. Seu Pereira, vigia do mercado, contava histórias de assombração. A mula sem cabeça, O curupira, O Saci Pererê, A alma penada, A moça de branco, O esqueleto da meia-noite e tantas outras. De arrepiar os cabelos. Seu Pereira contava histórias que ele via durante as noites de vigília. Seu Pereira via mesmo cada coisa do coração disparar.

Tio Manezinho. Falava ligeiro. Contava causos. Causos e histórias do diabo. Um repertório que não tinha fim. Alguns eu não entendia, ele contava muito rápido, acelerado. Eu perdia as palavras. Fazia um esforço para dar sentido às histórias do tio Manezinho.

Nas oficinas, recomendo sempre a leitura dos livros do pesquisador Luís da Câmara Cascudo, *Lendas brasileiras*, *Contos tradicionais do Brasil* e *Geografia dos Mitos Brasileiros.*

Nas ambiências de lembrar as histórias populares, contadas em nossas infâncias por pessoas da família e da comunidade, verificamos que algumas dessas histórias permanecem em nossas memórias de forma viva, em versões que absorvem muitos valores e ideologias. Discutimos bastante essas questões para não sair contando ingenuamente as histórias, ratificando valores com os quais não concordamos, sem os colocar em debate.

Muitas dessas histórias populares que estão em nossas memórias são encontradas nos trabalhos dos pesquisadores Câmara Cascudo, Sílvio Romero, Basílio de Magalhães e em outras publicações de folcloristas e estudiosos do repertório oral do Brasil. Histórias que continuam sendo contadas por nossos avós, pais, tios, padrinhos, leiteiros, pescadores, padeiros e escritores que recontam em versões contemporâneas.

Ouvir

Todos os meses. Durante uma década. De 1954 a 1964. Minha mãe arrumava os filhos, apanhava o violão, uma sacola com algumas roupas e brinquedos, e saíamos para visitar uma das casas de um bairro muito

Digitalizado com CamScanner

pobre, paupérrimo. Éramos pobres, mas muitas famílias eram bem mais desprovidas de recursos e confortos.

Era uma visita de umas duas horas. Minha mãe nos apresentava, um a um, entregava as sacolas com roupas e brinquedos à mãe e às crianças da casa visitada, ouvia as queixas e as necessidades das pessoas, conversava, sugeria soluções para as questões ali reveladas. Depois, ao violão, tocava, cantava, declamava poesias e fazia-nos também recitar poemas, tidos como infantis, e a dizer boas notícias. Minha mãe era professora. Ainda escrevia os nomes dos adultos e das crianças num papel e o endereço completo daquela casa. Posteriormente escrevia carta para as pessoas adultas dessas casas e estimulava para que escrevêssemos às crianças: cartas, bilhetes, poesias, letras de músicas, notícias e crônicas. Ela gostava de ler nos jornais as crônicas. Solicitava que nós, os filhos, escrevêssemos comentários sobre algumas observações que tivéssemos feito durante as tais visitas. Chamava isso de crônicas. Nós escrevíamos muito – minha irmã gostava de escrever pensamentos – e remetíamos pelo correio essas cartas àquelas pessoas. Às vezes recebíamos cartas escritas por elas também. Agradavam-me essas visitas. Preparava um repertório de poesias que minha mãe ensinava para recitar nessas visitas.

Mamãe chamava de visitas fraternas. As cartas que recebíamos guardávamos em caixinhas. Uma vez ou outra, minha mãe pedia que lêssemos essas cartas para lembrar-nos de escrever de novo às crianças visitadas. Ainda criança e depois adolescente, fui padrinho de muitas delas. Em 1964, minha mãe recebeu uma ameaça, e meu pai proibiu de continuarmos com nossa rede solidária.

Minha mãe lia em voz alta para nós as crônicas publicadas semanalmente nos jornais. Eram bonitas. Algumas eu não entendia. Mas era muito bom ouvir a voz de minha mãe pronunciando aquelas palavras dos textos. Fechava os olhos e viajava, imaginando. Sempre, depois dessas leituras, minha mãe tocava violão e cantava. Cantávamos juntos. Ouvíamos muito rádio e sabíamos as letras das canções.

Adorava ouvir a previsão meteorológica e sair anunciando em toda a casa e para os vizinhos: hoje, máxima de 36 graus, mínima de 30 graus de temperatura. Era o máximo.

Escrever cartas, bilhetes, telegramas e até crônicas é uma brincadeira prazerosa durante as oficinas. Levantar bibliografia de livros de crônicas e de cartas. Mexer em seus guardados e trazer para ler em grupo algumas dessas cartas de significação para cada um. Ler crônicas que nos chamaram

atenção. Às vezes montamos um painel de tempos e contextos datados com essas peças que nos comovem.

E como é gostoso contar cartas, contar crônicas e até cartões-postais. Eles trazem histórias afetivas também. Lembro sempre o livro de Cecília Meireles, *Problemas da literatura infantil*, e lemos especialmente o capítulo "Da literatura oral à escrita".

Contar

Aos sete anos fui para o primeiro ano de escola. Sabia ler, aprendera com minha mãe. Sabia matemática e desenho, aprendera com meu pai. Contava histórias, recitava poesias, decifrava enigma dos jogos de palavras, planejava cenários para as dramatizações, cantava e escrevia crônicas. Imitava os locutores das estações de rádio. Jogava bola, peteca e brincava de roda. Mas considerava-me bom mesmo em fazer pipas, papagaios, pepetas, rabiolas, cerol e caixas voadoras transparentes de papel de seda de várias cores e estampas. Manuseava com sabedoria as talas, os grudes e as linhas. Aprendera com minha avó pôr as mãos em função. Inventava regras para os jogos de macaca e de bola de gude. Sabia-me criador, fazedor e contador.

Pois bem, fui reprovado na primeira série da escola. Foi assim: minha professora, numa das aulas, contava uma história em que um menino entrava numa floresta e via uma árvore – fazia o gestual de uma árvore pequena, formato árvore de natal. Interrompi a professora para dizer que a árvore que o menino viu poderia ser diferente.

Uma tipo mangueira: frondosa, cheia de galhos e folhas e aquelas mangas penduradas. A professora não gostou da interrupção e ordenou que eu ficasse quieto. Reiniciou a história, repetindo o mesmo gesto da árvore. Eu a interrompi novamente e perguntei se não poderia ser um cajueiro, com os galhos compridos, torcidos, folhas graúdas e frutos coloridos com castanhas nas pontas. Precisava de ver minha professora. Ficou muito zangada. Parou de contar a história e disse muitas e boas para mim. Ali, na sala, na frente de todos. Disse que minha mãe não me dava educação. Que eu devia apanhar um pouco para aprender a respeitar os mais velhos e coisa e tal. Eu, que andava com a autoestima lá em cima, perdi o rebolado. Baixei a bola e não me encontrei mais naquele ano da primeira série da escola.

Reprovado, humilhado, não sabia o que dizer. Minha mãe zangou-se com a professora. Meu pai disse que não tinha importância,

Digitalizado com CamScanner

foi à escola e falou para a professora: quem atrofia gestos atrofia mentes. Quem atrofia palavras atrofia corações!

Atrofiar gestos, macaquear sinais, repetir gestuais e movimentos óbvios para tentar esclarecer as palavras e as histórias faz parte do repertório de empobrecimento da capacidade de dar sentido, de engravidar de imagens as palavras e de ampliar o território da imaginação. Os gestos, os movimentos podem ser libertadores. As palavras são possibilitadoras, libertadoras, assim como os gestos. Sempre acontecem boas discussões sobre o assunto durante as oficinas. Boas e grandes. Uma bibliografia é levantada. Exercícios são promovidos pelos participantes: relação corpo/espaço; equilíbrio e respiração diafragmática; projeção corporal, projeção vocal. O livro *Expressão corporal e expressão vocal*, de Maria da Glória Beuttemüller e Nely Laport, é o embasador deste trabalho.

> Como para as sociedades, para o indivíduo também (o contar estórias) é uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Por que o homem necessita de contar e contar-se estórias? Talvez porque (...) dessa forma lute contra a morte e os fracassos, adquira uma certa ilusão de permanência e desagravo: é uma maneira de recuperar, dentro de um sistema que a memória estrutura com a ajuda da fantasia, esse passado que quando era experiência vivida tinha a aparência do caos. O conto, a ficção gozam daquilo que a vida vivida – em sua vertiginosa complexidade e imprevisibilidade – sempre carece: uma ordem, uma coerência, uma perspectiva, um tempo fechado que permite determinar a hierarquia das coisas e dos fatos, o valor das pessoas, os efeitos e as causas, os vínculos entre as ações. Para conhecer o que somos, como indivíduos e como povos, não temos outro recurso senão sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas 'ficções' que fazem do que somos algo paradoxalmente igual e diferente de nós. A ficção é o homem 'completo', em sua verdade e sua mentira confundidas. (..) Inventar não é, quase sempre, outra coisa que tomar-se certa desforra da vida que nos custa a viver, aperfeiçoando-a ou envilecendo-a de acordo com nossos apetites e nossos rancores; é refazer a experiência, retificar a estória real na direção que nossos desejos frustrados, nossos sonhos esfarrapados, nossa alegria ou nossa cólera reclamam.
>
> Mario Vargas Llosa, em *A senhorita de Tácna.*

Sugestões de leitura:

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única.* Obras escolhidas II. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995.

BORGES, Jorge Luís. *O livro dos seres imaginários.* São Paulo: Globo, 1996.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mito e histórias da arqueologia da mulher selvagem.* Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Francisco Assis de Souza. *Conto popular, comunidade e narrativa.* Rio de Janeiro: Funarte/INL, 1985.

PROPP, Vladimir S. *Morfologias do Conto maravilhoso.* Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

_____. *As raízes históricas do conto maravilhoso.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RIBEIRO, Lêda Tâmego. *Mito e poesia popular.* Rio de Janeiro: Funarte/INL,1986.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas místicas para contadores de histórias e roteiristas.* Rio de Janeiro: Ampersand Editora, 1997.

Digitalizado com CamScanner